

A (des)construção do eu no Livro Sobre Nada de Manoel de Barros

Jônatas de Jesus Tavares Farias¹

Larissa Serrão Ribeiro²

Resumo: Este presente artigo visa discutir as noções de construção e desconstrução do eu presentes no fazer poético de Manoel de Barros, a partir de análises críticas e das implicações e ressonâncias produzidas pelo contato do leitor com as produções poéticas do mesmo, bem como as coexistências que podem ser construídas a partir desse contato. Propomos ensaios que envolvem as construções de Manoel de Barros no *Livro Sobre Nada* (2016), usando por suporte teórico metodológico conceitos como rizoma, explanado nas divagações de Deleuze e Guattari (1996), as críticas e análises literárias de Blanchot (2005) e os escritos filosóficos-literários de Larrosa (2003), escolhemos trabalhar todas essas perspectivas de forma a construir relação entre o eu do texto-leitor e as (re)construções possibilitadas pelas ressonâncias presentes no contato com a poesia barreana. Ressalta-se a importância da discursão e ampliação de debates que permeiem a contribuição da literatura na formação do texto-leitor como pensante e crítico, que muito se assemelha à proposta deste artigo.

Palavras-chave: Manoel de Barros. Eu. Des(construção).

MANOEL, NÃO-EU

Para a escrita deste artigo propomos ensaios que envolvem as construções de Manoel de Barros no *Livro Sobre Nada* (2016), usando por suporte teórico metodológico conceitos como rizoma, explanado nas divagações de Deleuze e Guattari (1996), as críticas e análises literárias de Blanchot (2005) e os escritos filosóficos-literários de Larrosa (2003), escolhemos trabalhar todas essas perspectivas de forma a construir relação entre o eu do texto-leitor e as (re)construções possibilitadas pelas ressonâncias presentes no contato com a poesia barreana.

Considerando a proposta de relação entre as construções filosóficas-literárias dos autores supracitados e a poesia manoesca, constitui-se aqui um apanhado de possibilidades que surgem e re-surgem nessa união, afim de construir e reconstruir no processo de integração de semelhanças e signi-

¹ Graduando do curso de graduação em Letras Língua Portuguesa. UFPA. E-mail: jonatasdijesus@gmail.com

² Graduanda do curso de graduação em Letras Língua Portuguesa. UFPA. E-mail: laris-saserrao@yahoo.com.br

ficações, tendo isto tudo em vista, alude-se que se rizoma é uma não-saída, nas construções de Manoel o não-eu se apresenta de forma simples e aberta, então o rizoma como não saída pode se apresentar como caminho, linha de fuga e escrita do eu (des)construído na poética manoesca, no entanto, como se daria essa relação, pois um eu rizomático, não seria um eu anti-identitário? E essa não formulação, esse não pré-concebimento cria a relação de multiplicidade existente nos poemas? Até onde essa relação(ou não-relação), esse coexistir, implica na construção do eu (ver, rever e transver)?

O EU, O RIZOMA, A(S) IDENTIDADE(S)

[...] Meu olhar tem odor de extinção.
Tenho abandonos por dentro e por fora.
Meu desnome é Antônio Ninguém.
Eu pareço com nada parecido.
(BARROS, 2016, p. 57)

Na escrita de Manoel o eu encontrasse no espaço da ininterrupta transformação, ele pode ser o pássaro, a voz azul, Bernardo, o andarilho, ou simplesmente Ninguém, interligado (rizomatizado) à uma escrita continuada do nada, caminhante, errante, propulsora de devaneios, de ‘coisificações’ onde “[...] o eu não é senão uma contínua criação, um perpétuo devenir: uma permanente metamorfose [...]” (LARROSA, 2003, p. 39), aqui reina a experimentação do eu, um caminhar labiríntico que permeia o fazer poético de Barros, que se avizinha às fronteiras do construir como desconstrução.

Quem permite-se caminhar pelas fronteiras do (des)construir (de-vir-eu-outro) dificilmente não será tocado pelas despalavras de Manoel ou mesmo pelo desejar ser o eu-barreano. Por muito tal peregrinar pode ser regido pelo dançar da escrita, num “[...] toc ploc toc ploc.”, dum estar na ‘ladeira do beco, torto e deserto’, o estar do eu, o habitar da metamorfose, o momento em que o ressoar das descobertas de si e do outro tornam-se indivi(duais), o instante da “[...] própria sagração do Eu”. Logo, se é isso tudo um caminhar que pode ser regido pelo dançar e pela própria metamorfose, então pode-se afirmar, esse experimentar é rizomático, ou seja, “[...] [deriva] infinitamente, [estabelece] conexões transversais sem que se possa centrá-[a]s ou cercá-[a]s. (DELEUZE & GUATTARI, 1996. p. 322)

O experimentar é já o caminhar, o encontro com o eu recluso de si com o não-eu poético, um esbarrar de diferentes, presentes um no outro, por meio da movimentação, do estar-se ligado ao brincar das palavras. O encontro do desaparecimento de um eu fundido no outro, ambos extinguindo-se

em coexistência, um re(des)cobrir, uma corda bamba (leitura) cujo ‘[...] movimento [...] nos leva até o ponto puro da inspiração de que ela [obra] vem, e que só parece poder atingir desaparecendo como obra.’ (BLANCHOT, 2005. p.293). Todo esse caminhar, toda essa busca, toda essa leitura-rizoma, essas experimentações de saídas e entradas configuram o construir e, ao mesmo tempo, um remodelar do eu, pois ‘[...] cada um tenta dar um sentido a si mesmo, construindo-se como um ser de palavras [...]’ (LARROSA, 2003. p. 23), o ‘ser lettral’ de Manoel e seus coexistentes, partilhantes de sua cosmovisão, de sua simplicidade e identidade.

Todas as construções produzidas, ressonadas, no ler como experimentar tornam-se parte do texto-leitor, que o torna não apenas sensível como também um próprio escrito da poesia de chão. Esse sentir torna-se um processo, um percorrer de novos rizomas, o ser que se (des)constrói sai em busca de eus-outros, devires outros, construções do desconstruído, em todo esse vivenciar de fronteiras identitárias, do ser podendo não ser, do não ser que a partir do inexistente forma o princípio de caracterização, que promove a individualização, o processo de assimilação de tantos eus em que tornam-se todos e ao mesmo tempo nenhum, nas palavras de Larrosa, “[...] como não suspeitar, então, que o eu verdadeiro [...] não [é], certamente, eus de livros, eus de teatro com os quais alguém se identifica e com cujos fragmentos alguém constrói um personagem de si mesmo? [...]” (2003, p.38). Sendo Manoel um ser de despalavras, “Uma palavra abriu o roupão pra mim. Ela deseja que eu a seja” (BARROS, 2016. p. 51), o contato com seu fazer poético pode, na delineação do caminho, promover a (re)visitação do texto-leitor a si mesmo e isto torna-se (des)construção “[...] porque se alguém lê ou escuta ou olha com o coração aberto, aquilo que lê, escuta ou olha ressoa nele, ressoa no silêncio que é ele, e assim o silêncio penetrado pela forma se faz fecundo. E assim, alguém vai sendo levado à sua própria forma.” (LARROSA, 2003. p. 52), põe-se aqui o fluir de eus como encontros de águas silenciosas, o pousar de silêncios em espelhos de si, da poesia barreada no texto-leitor e vice-versa, troca e complementação de silêncios, onde Manoel mostra-se no nu da poesia, pois, “[...] toda escritura [...], enquanto escritura, contém vestígios das palavras e histórias recebidas [...]”. (LARROSA, 2003. p. 25), aqui as tenacidades dos eus em evidência compõem-se ao ponto da identidade torna-se completamente inédita. Este *tornar-se* não se experimenta somente pela ‘identificação’, mas pelo estranhamento de si e do eu-outro, o estranhar do silêncio e do falar, pois “[...] somente o combate das palavras ainda não ditas contra as palavras já ditas permite a ruptura do horizonte dado, permite que o sujeito se invente de outra maneira, que o eu seja outro. [...]” (LARROSA, 2003. p. 40), aqui “[...] As antíteses congraçam.” (BARROS, 2016. p. 39).

Toda construção é ruptura, e todo desconcerto (re)invenção, e ambos estão conectados a estrutura do ser em sua individualidade, presentes nesse processo contínuo, volvente, incessante, onde no ato de experimentação, o texto-leitor,

“[...] Buscando uma identidade substancial, estável e sem falha, encontrará uma identidade narrativa aberta e desestabilizadora. Uma identidade em movimento assegurada por uma linguagem em movimento, onde a autoconsciência surge ao se colocar em questão a autoconsciência e onde o que se é só aparece ao se colocar em questão o que se é : dialética viva e infinita de identificações e desidentificações”. (LARROSA, 2003. p. 40-41).

O rizoma-fronteira-identificação e suas ressonâncias são caminhos do processo de formação no “[...] qual não se sabe onde se vai chegar, nem mesmo se vai se chegar a algum lugar [...]” (LARROSA, p. 52-53), sobre isto Manoel afirma, somente, “Tem mais presença em mim o que me falta” (p. 49).

O CONTATO, O DIFERENTE, AS MULTIPLICIDADES (RELATOS DE UM PERCORRER)

O contato com o diferente resulta em multiplicidades que constroem cada parte de quem Manoel é, e de quem passamos a ser ao conhece-lo, pois, por mais que os papéis escritos não tragam consigo a face literal de quem lemos, passamos a nos reconhecermos em algo que diz mais do que quem somos, do que aquilo que é feito pelas nossas “defeituosas” mãos. Pois, carregamos a certeza de que a imperfeição, quando manuseadas pelas mãos de Manoel, tornam-se uma massa que é totalmente adaptável às nossas mentes.

E passamos a carregar a impressão de “ilusão óptica”, um texto que lido, partilha a sensação de entendimento, mas quando relido, nos revela fatos que antes haviam sido despercebidos. Em decorrência disso, passamos a utilizar a visão holística, tentando analisar o todo, tendo consciência de que aquilo que é “inútil” para nós, é a peça central do insubstituível para ele. E nessas buscas por inutilidades, vamos nos preenchendo por uma desconstrução que vai nos construindo.

Pois, carregamos a certeza de que somos construções de ideias que não trazem consigo uma balança de valores, não somamos e nem subtraímos, somente somos preenchidos como esponjas e no corpo dela, isso é sobreviver. Ser (o eu) Manoel, é utilizar “*cada pedaço de si para montar um ser atônito*” (grifo nosso), ressaltado no Livro Sobre Nada, que nos revela

que o nada constrói-se no ângulo utilizado. É do nada que criamos a ideologia de pedaço e do quanto isso é essencial para a construção do ser que nunca terá uma versão pronta e acabada. Não poderemos atualizar nossos aplicativos pelo “*play store*” e muito menos, carregar conosco um corretor de ações, e dessa forma modificar as mensagens emitidas, nossos ecos espontâneos revelam mais do que somos, do que a imagem que acreditamos ser real na frente do espelho.

E os fragmentos de Manoel estão visíveis, mas não de forma literal, até os fragmentos não carregam em si o real conceito de pedaço. Ele nos preenche, e é isso que traz a incógnita do descobrir. É como uma busca incessante por uma utopia que nunca será atingida, não importa em quantos brinquedos elásticos jogarmos nossos corpos, numa tentativa fracassada de buscar impulso, para um alvo que nossa limitada visão não alcança. Somos andarilhos que caminham em buscas de letras, para sermos preenchidos, e assim, passarmos a mensagem sem receptor, se sentires reconhecimento em ti, essa é a resposta que teu emissor ansiava por emitir.

E quando é ressaltado “O que não sei fazer, desmancho em frases” (BARROS, 2016. p. 46), demonstra que aquilo que exige mais do que o que a escrita nos dá, se perde, mas ao mesmo tempo se ganha em frases que vão se confluindo, para então as letras que podem ser entendidas como cada parte útil dele se tornar uma frase com cada ponta inútil daquilo que também o constitui. Fazendo com que o nada apareça, isto é, o “nada” são inícios de ideias, que ironicamente (?) ganham o nome de “nada”, embora carreguem consigo o peso de serem o iniciar de toda a (in)glória posterior.

E quando cita que “Não gosto de palavra[s] acostumada[s]” (BARROS, 2016. p. 52), revela condenação sobre rotinas de letras, em vista que tudo que é acostumado, dificilmente adota a des(construção), raramente se re(descobre), impossivelmente se re(aprende). Vira uma máquina que quando conhecida, passa a ser facilmente domada e compreendida. E quando as palavras não escolhem a liberdade do ser e daqui a pouco, deixar de ser, passa a ser um ser metamorfoseado, com sede por novas fontes vitais de letras.

“Tudo que não invento é falso” (BARROS, 2016. p.49), ao ressaltar tal verso, traz a percepção de moradia naquilo que é criado, mostrando que sendo as letras fossem um ser, Manoel haveria de ser engolidas por elas, mas diferentes daqueles que vivem condenados as dores em suas masmoras. Essa prisão sem grades seria escolhida sem titubear, e as torturas seriam aceitas, como uma forma de masoquismo por palavras.

Sentir é o princípio da vida e ser preenchido é sobrevivência. E para Manoel o oxigênio é constituído por criação, e criar exige doses elevadas de devaneios mal compreendidos e por sensações mal vistas.

DA (DES)CONSTRUÇÃO AO COEXISTIR

Toda relação construída entre a simplicidade de Barros e voz do ‘nada’ que nos habita, torna a experiência de contato com esse eu-outro um emaranhado de multiplicidades. O eu (texto-leitor) agora torna-se ‘emaranhado de eus?’. Volta-se a si, com tão novos ressoar, que o eco de si se torna amplo, abrangente e pueril. Passa-se a brincar com as palavras, como Manoel. Sente-se a procura das palavras por si. Desprende-se do eu pomposo, feito de alusões vazias, toma-se o eu de nada preenchido por tantos ‘des’ manoescos e próprios.

Torna-se aqui o ser construído, permanente na desconstrução, ponto onde escritor-poesia e texto-leitor tomam unos caminhos de experimentações, um a guiar outro, dessa convivência ambos coexistem, pois, “[...] só lendo (ou escutando) [...] alguém se faz consciente de si mesmo. Só escrevendo (ou falando) [...] alguém pode fabricar um eu.” (LARROSA, 2003. p. 39), e este é um processo continuado, um (sempre) estar a “[...] aprende[r] que ler e escrever (escutar e falar) é colocar-se em movimento [...]” (LARROSA, 2003, p. 39), um movimento como andar na corda bamba, a busca pela equilíbrio e o respirar pelo sobre(viver), um passo pelo incerto e o balançar das palavras todas. Cada passo, cuidadoso, porém intenso, “[...] é [o] sair sempre para além de si mesmo, é manter aberta a interrogação acerca do que se é [...]” (LARROSA, 2003. p. 40), é o ser rizomático, o devir-outro.

E o que se sabe então? Sabe-se que “[...] na leitura e na escrita, o eu não deixa de se fazer, de se desfazer e de se refazer [...]” (LARROSA, 2003. p. 40), o eu mantém-se, (des)construindo-se, em um “[...] vê, [...] revê [...] e transvê “ (BARROS, 2016. p. 55).

“[...] É preciso transver o mundo. [...] É preciso desformar o mundo [...]”
(BARROS, 2016. p. 55)

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés, - São Paulo: Martins Fontes; 2005.
- GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes – 4ª edição, 1996.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto, - Belo Horizonte: Autêntica – 4ª edição, 2003.